

# Assim caminha a humanidade

VALOR 10/06/2008



JOSÉ ELI  
DA VEIGA

Erraram feio os que fizeram pouco da iniciativa do presidente francês Nicolas Sarkozy de solicitar à dupla Stiglitz-Sen uma revisão dos "limites do PIB como critério de medida do desempenho econômico e do bem-estar". Ou melhor, da "mensuração do desempenho econômico e do progresso social", conforme acabou ficando o título oficial da força-tarefa que está sendo chamada de "Comissão Stiglitz". Após longos cinco meses de suspense, três fatos mostram que o processo está muito bem encaminhado.

O primeiro é o próprio time. A comissão já se legitimou por contar com 25 outros craques de imenso prestígio, e com fecunda diversidade de visões e especialidades. Daí a importância de serem apresentados, mesmo que de forma injustamente breve.

No topo está o decano, Nobel 1972, Kenneth Arrow (Stanford), imediatamente seguido por dois colegas que também foram ganhadores do mais cobiçado prêmio de economia, em 2000 e 2002: James Heckman (Chicago) e o psicólogo Daniel Kahneman (Princeton). Há mais um de Chicago, o jurista republicano Cass Sunstein, e mais dois de Princeton: o microeconomista Angus Deaton e o especialista em economia do trabalho Alan B. Krueger. Essa bancada acadêmica americana é completada por outros três criativos pensadores: o cientista político Robert Putnam (Harvard), o economista ambiental Geoffrey Heal (Columbia), e uma das mais influentes economistas feministas: Nancy Folbre (Massachusetts). Com o presidente Stiglitz (Columbia), e seu conselheiro Sen (Harvard), são onze, dos quais cinco prêmios Nobel.

Entre os acadêmicos europeus, três britânicos e sete franceses. No trio, o já célebre Sir Nicholas Stern (LSE) ladeia o especialista em desigualdade e pobreza Anthony B. Atkinson (Oxford) e o expoente da chamada economia da felicidade Andrew J. Oswald (Warwick). Com base em Paris, o coordenador geral Jean-Paul Fitoussi - presidente do OFCE, o Centro de Pesquisas Econômicas da "Sciences-Po" (Instituto de Estudos Políticos) - pinçou dessa mesma organização o macroeconomista Philippe Weil e o politécnico Claude Henry, autoridade no binômio inovação/sustentabilidade.

---

A principal incógnita reside em saber se avanços das ciências sociais aplicadas já permitem, a imprescindível superação do Produto Interno Bruto

---

Mas é claro que também fazem parte o econometrista Roger Guesnerie (Collège de France) e o anterior economista-chefe do Banco Mundial François Bourguignon, respectivamente presidente e diretor da nova "PSE", "Paris School of Economics". Muito mais notáveis do que Marc Fleurbaey (Paris-5) e Jean Gadrey (Lille), mesmo que o primeiro seja forte referência em ética social e justiça distributiva, e o segundo o autor de ótimo livro sobre novos indicadores de riqueza (traduzido pela Editora Senac em 2006). Muito ligado às entidades da sociedade civil que se empenham em reconsiderar a riqueza, Gadrey chegou a propor boicote à iniciativa de Sarkozy. Atitude que perdeu o sentido quando o próprio Stiglitz o convidou a ser um dos membros da comissão.

Para fechar o panorama acadêmico falta mencionar a única "penetra" nesse triângulo EUA-FR-UK: a também economista feminista Bina Agarwal (Delhi). Hoje mais dedicada ao estudo da ação coletiva para a conservação ambiental, foi quem colocou a contribuição teórica de Amartya Sen em perspectiva de gênero. E participa da rede internacional que procura operacionalizar o intraduzível "capability approach".

Além desses 22 professores, há representantes de quatro importantes organizações internacionais. Pela OCDE, o chefe da área estatística, Enrico Giovannini; pelo Pnud, o número um Kemal Dervis; pela Unctad, o diretor Heiner Plassbeck; e pelo Banco Mundial, o economista-chefe e vice-presidente Justin Lin. Bem próximo desse quarteto está o representante da organização nacional que garantirá e zelará pelo bom funcionamento dos trabalhos: Jean-Philippe Cotis, diretor geral do INSEE, instituto que detém na França a responsabilidade oficial pelas estatísticas e estudos econômicos.

O segundo fato promissor foi o resultado da primeira reunião, no final de abril, na qual foram discutidos dois "surveys" da produção científica pertinente. A comissão passou a ser organizada em três grupos de trabalho, cujo enunciado dos temas não poderia ser mais significativo: um vai esmiuçar "os clássicos problemas do PIB", outro vai focar "desenvolvimento sustentável e meio ambiente", e o terceiro se concentrará na questão da "qualidade de vida". Até julho deverá estar pronto um primeiro documento sobre a problemática ("issue paper", que sintetizará as contribuições desses três grupos, tarefa a cargo de sete técnicos emprestados pela OCDE, OFCE e INSEE, staff dirigido pelo

tarimbado estatístico Jean-Étienne Chapron, relator-geral da Comissão).

Não menos importante é o terceiro sinal: a Comissão está empenhada em trabalhar com máxima transparência e a buscar intenso diálogo público. Para tanto, ainda em junho será lançado um portal que oferecerá um esquema interativo que facilite comunicação direta com os mais interessados, além de disponibilizar documentos de trabalho.

Como o relatório final está previsto para junho de 2009, os próximos doze meses serão especialmente favoráveis a projetos e ações de revisão das obsoletas convenções para a medição da riqueza, uma noção aparentemente simples, mas cuja ambigüidade gera muita confusão. Além disso, sistemas de medição embutem forte inércia institucional, mantendo sempre muito atraso em relação aos avanços científicos. Os egípcios, por exemplo, só corrigiram o calendário em 238 A.C., praticamente quatro milênios depois de terem calculado uma duração do ano solar de 365 dias e um quarto. Com certeza será bem mais rápida a mudança das atuais medidas da riqueza, embora nada autorize supor que as recomendações da Comissão Stiglitz venham a ser facilmente assimiladas pela ONU, ou por outros atores cruciais, como o FMI. O processo mal começou, pois a principal incógnita do problema reside em saber se avanços das ciências sociais aplicadas já permitem, de fato, a imprescindível superação do PIB, assim como desse seu precaríssimo desdobramento que é o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano).

José Eli da Veiga - professor titular do departamento de economia da FEA-USP e pesquisador associado do "Capability & Sustainability Centre" da Universidade de Cambridge, com apoio da Fapesp, escreve mensalmente às terças.  
Página web: [www.zeeli.pro.br](http://www.zeeli.pro.br)